



*o pródigo e o cisne*

H . MARTINS

Editora Penalux  
*Guaratinguetá, 2020*

Somos piores do que nós.

## O retorno

No dia em que Cauby Peixoto morreu, Tadeu resolveu voltar à casa de Dalila. Deu-se, no entanto, que ela também havia morrido. Que não mais poria o rosto rente ao seu rosto *atalcado*, lembrando jasmim. Os olhos azuis imensos, que lhe provocaram tanto acalanto e decerto disseram-lhe, no silente brilho, tanta coisa que não dera ouvidos a perceber, fecharam-se para sempre. Ao invés de chorar, para vaziar do peito tamanha dor, ouvia repetidamente a música tocada na vitrola, por vontade doutro triste e inconsolável ser: o dono do bar defronte à casa enlutada, fã do cantor e da finada vizinha que cheirava a flores suaves.

Tadeu não conseguia ir vê-la estendida no outro lado da rua, no quarto (ou na sala). Com as costas coladas na parede encardida, que trazia o retinto contraste do anúncio de cigarros desselado pelo tempo, sentado numa banquetta redonda, foi inclinando a bombordo rumo à mesa de canto, como uma *estranha nau que não demanda os portos*, sem dose alguma de nada, sem copo, às moscas; ao bisado som de “Conceição”.

## Coração desprezível

Certo homem tinha dois filhos. Um deles viveu dissolutamente até dissipar todos os seus bens. O outro se deteve sob a contundência da responsabilidade, mordomo que era dos que lhe foram destinados depois que o certo homem morreu. A mãe de ambos era linda como Martha Rocha. E, tal como ela, envelheceu sem que lhe envelhecessem, porém, os olhos azuis, tampouco as léguas recheadas de gado vacum, ameaçadas pela morte do marido. O pródigo, após haver conquistado todas as mulheres que pôde; viajado a todos os lugares que quis; bebido, fumado e cheirado tudo que esvaecesse a consciência torpe que marcara seus jovens dias, viu-se entregue ao abissal abandono dos que empobrecem ricos, com suas filigranas, rótulos, temperos e indumentárias desgastadas pelo tempo.

Como com os porcos, dizia do alto de seu aprumado orgulho, ainda remanescente, referindo-se aos apenados, rotos e despojados companheiros de miséria, com os quais dividia o espaço, o pão e o lucro, num alojamento barato, numa velha casa em San Blás, na cidade de Cusco.

Vendia artesanato. Não fora preso certas vezes, entre tantos estreitos que trilhou, porque a sorte liberara alguma dianteira ao perplexo caos, invitando-o ao desvio da “completa desgraça inexorável”. Pobre e preso, avaliava. Em meio à decadência, leu. Leu para não esquecer as palavras e os sentimentos vertidos nelas. Leu para simular para si outras vidas imaginárias na irretorquível solidão, depreciada pela ausência de lucidez que a droga lhe impunha. Leu para si mesmo como nunca fizera antes, por não ter mesmo o que fazer durante os anos de pobreza em que apenas os livros eram permitidos sem pecúnia, na biblioteca municipal onde, muitas vezes, afetado pelo ácido, via a claraboia colorida do corredor principal do velho prédio lançar flashes misturando os matizes sobre *la estatua da mujer desnuda*, que fica no meio do patamar que bifurca entre dois segundos lances de escada. Sobreveio-lhe a consciência do peso e da medida das coisas que andava fazendo. Quando é assim tem-se medo. Saudade. E no caso dele, vergonha de voltar.

Vou pra casa me matar; não suportaria as covas rasas em que me jogariam aqui, disse aos companheiros, deixando escapar o que lhe tomava o pensamento.

Não “tanto faz”, depois de morto?, retrucou Mirafior, uma cantora trans magricela, *cover* de Sarita Montiel, de aspecto físico inca e mórbidas olheiras, seios avantajados e arroxeados nos braços (de amores cálidos, dizia), que dividia o alojamento com ele e os outros largados.

Não... Lá terei o tempo de um banho quente, de olhar nos olhos de mamãe, que são lindos, e de minha filha. Ir ao dentista. Ela paga tudo; já disse que é rica.

Rica? Tá bom... E arrumar o dente pra quê? Não vai morrer mesmo?, ironizou a cantora, enquanto observava atenta os dedos habilidosos daquele, a seu ver, bravateiro, enrolando um cigarro que fumariam para aplacar o torpor da fome provocada pelo cheiro da fritura do alho-poró na manteiga *ghee*, que recendia de um restaurante fino do lado de lá do muro da velha casa de pedra – de onde seriam despejados em breve, pois iriam transformá-la em mais um restaurante típico e elegante. Aí todos teriam que tomar um rumo diverso.

Mesmo que fosse o orgulho a mais empenhada característica de sua personalidade, mesmo assim seus ossos se dobraram ao auxílio de quem já nada lhe oferecia havia anos. E a boca pediu socorro.

Fique no apartamentinho do Setor Bueno, que é seu mesmo, e você só não o pôs a perder porque eu tenho o usufruto, disse-lhe a mãe. Veja se arruma um afazer certo, compra umas roupas decentes com esse dinheiro, procura o seu tio para um emprego fixo. Pare de usar esses troços, afinal você logo faz quarenta. Trate esse dente quebrado. Faça a barba. Eu que tinha tanta esperança em você!, metralhou, num só pacote, sua decepção materna, arrimada no insucesso de sua criação, para depois, em silêncio, retirar da gaveta um envelope pardo demonstrando haver dinheiro ali ensacado. Era uma boa quantia.

Ângela é quem limpa tudo, pegue as chaves com ela no apartamento de cima, faça uma cópia e devolva-lhe depois, afinal seguro morreu de velho e preciso delas para alguma eventual emergência contigo, determinou a mãe, ciosa de presságios.

O que lhe restou era o mínimo do que pudera lhe dar sua magoada, mas consciente e doce mãe e, naquele momento, contudo, o máximo que alguém como ele poderia esperar receber.

Todo o barulho das avenidas cruzadas parecia ficar encurralado dentro do pequeno apartamento de frente para o viaduto. Fechando a janela amenizava; mas não sarava. Dentro dele estava tudo como antes, quando não havia aquele movimento pelas ruas, tampouco os decibéis tão alterados. Lembrou-se de si ainda jovem ao deitar as costas na mesma cama limpa e cheirosa. Sentiu paz, sono e um inevitável soluço choroso que traduziu lágrimas intermitentes sobre o lençol de cambraia. Isso foi há doze anos.

Com o tempo sentiu que não viveria mais sem o som ecoado dos motores entrando na casa pela janela. Era-lhe música incidente em sua vida solitária, dia após dia; ano após ano. Não cumprira, contudo, o intento de se matar e, à medida que via agigantarem a rotina e o desalento de seu ir e vir, a covardia reverberava seus sinais. Ela era como o escudo protetor de sua compulsão pela morte – cliente assídua de seu pensamento. Como se devesse e não pagasse a esta indesejável o devido por promessa feita.

Uma xícara para café com leite. Uma caneca, na verdade, pois é grande. A outra há tempos que não sai do armário da cozinha. Formam uma concordância gráfica entre si: um par perfeito, meio que metade de uma tela numa e metade da mesma tela noutra. A que mora sobre a mesa ele a usa no diário amanhecer implacável. Nela há a parte da gravura com



peitos nus até a cintura da mulher deitada – uma *pin-up*. A bunda pra frente é guardada no armário. Quando Ângela, a diarista (que é também sua prima-primeira por parte de mãe e faz turno como auxiliar de enfermagem no Hospital dos Acidentados do outro lado da cidade), vai fazer a faxina completa, e isso é cada vez mais raro (é que, com os anos, as diaristas tornam-se aliadas das teias recônditas e dos nichos empoeirados nos cantinhos das coisas), lava tudo e mistura a ordem das xícaras, adiantando as pernas ao tronco, trocando o sentido do par. Ela já fazia esse bico a pedido da mãe de Tadeu – Judas Tadeu é como se chama na verdade – mesmo antes de sua volta. Paga-lhe bem mais que o normal para uma diarista comum, buscando, de maneira indireta, ajudar na renda da casa do meio-irmão, pai da moça, que ficara cego e inapetente, com um dos lados paralisado, após um AVC provocado por uma tremenda surra que levava de um agiota que lhe cobrava dívida de jogo. Ângela é sua única filha e moram ambos no andar acima do mesmo prédio, num imóvel emprestado pela irmã.

Comprei em Montevideu por inquietação de Camila, pois não gosto muito desses suvenires plantados para colher dinheiro de turistas, diria a quem se interessasse por entender aquela equivalência gráfica da gravura da *pin-up* das canecas. Ninguém perguntava; somente Ângela o fizera.

Já o apartamento até que é de bom tamanho, bem conservado e cheira a cedro-fêmea, apesar de ser limpo quinzenalmente, *en passant*. Tem somente água na geladeira, um escorredor de louça vazio e uma lixeira branca pequena sobre

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Caslon  
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2020.

---